

RECONSTRUÇÃO EM PSICANÁLISE: QUAIS OS PRINCÍPIOS E OS AUTORES?

Por Raquel Barbosa de Mesquita Batista, tradução do original francês *La Reconstruction en Psychanalyse: Quelques principes et quels auteurs?*
Escrito por Hélène Tessier, professora titular da Escola de Estudos de Conflitos, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia. Saint Paul University (Ottawa-Ca)

Sumário. Introdução; Desconstrução em psicanálise; Laplanche e a reconstrução; Carácter científico da metapsicologia; O inconsciente sexual e o objeto da psicanálise: Principais conceitos da teoria da sedução generalizada; Perspectiva Histórica, Racionalismo e Humanismo em Psicanálise; Mensagens e realidade psíquica: A primazia do outro; Conclusão.

Resumo. Este texto trata da teoria de Jean Laplanche e a apresenta como um pensamento de reconstrução em psicanálise. Sublinha a oposição de Laplanche às correntes pós-modernas e à desconstrução na psicanálise e destaca os elementos de sua teoria que o situam como autor da reconstrução: reivindicação do carácter científico da metapsicologia e a exigência de pesquisa da verdade na elaboração teórica, epistemologia racionalista e humanista que afirma o carácter histórico e concreto das instâncias psíquicas, oposição tanto às explicações míticas dos conteúdos do inconsciente quanto ao subjetivismo das escolas relacionais, recusa do solipsismo, centralidade do sentido e da interpretação na formação da alma humana e antropologia da transformação.

Palavras-chave: Reconstrução; Psicanálise; Metapsicologia; John Laplanche

1. Introdução

Pode-se perguntar qual é o sentido de se interessar pela reconstrução em psicanálise. Na América do Norte, a psicanálise tornou-se uma disciplina marginal que perdeu seu estatuto de nobreza nos campos da psicoterapia e da psicologia. Além disso, quando levada em consideração, o pouco interesse que demonstra pelo rigor conceitual não ajuda a restaurar sua imagem. A situação é um pouco diferente na Europa, especialmente na França, onde o ensino da psicanálise, mesmo que tenha perdido popularidade nas faculdades de psicologia, ali se mantém mais do que na América do Norte. Ainda ocorrem ali, os debates sobre o lugar da psicanálise na prática clínica e sobre seu interesse como campo disciplinar relevante para a compreensão da vida psíquica. A razão dessa diferença pode ser encontrada, talvez, na consideração de que persiste a tradição lacaniana nos círculos clínicos da França e da Europa, o que não ocorre na América do Norte. A razão dessa diferença pode ser encontrada na consideração que a tradição lacaniana apresenta nos círculos clínicos da França e da Europa, o que não ocorre na América do Norte. Paradoxalmente, ainda que neste continente a psicanálise esteja em declínio na psicologia e na psicoterapia, ela continua a exercer uma influência e uma atração nas disciplinas literárias e no ensino das ciências sociais que se agrupam, no mundo anglo-saxão, sob o título de “Estudos

Culturais”. (Estudos de Gênero, Estudos de Performance). Essa influência também se deve às correntes lacanianas que fazem parte do movimento das teorias da desconstrução¹.

2. Laplanche e a desconstrução

Jean Laplanche se opôs à desconstrução na psicanálise. Ele o fez diretamente, notadamente, por meio de suas críticas a Heidegger sobre a temporalidade e a hermenêutica - bem como por meio de sua rejeição às posições pós-modernas, por exemplo, o ecletismo relativista na psicanálise, ou a oposição entre conhecimento e verdade, que é muito difundida por lá. Ele também o fez, de forma ainda mais eloquente, ao propor uma teoria original na psicanálise, *a teoria da sedução generalizada*. Essa teoria entra em debate, tanto com Freud quanto com os pós-freudianos, sobre pontos que serviram de porta de entrada para a desconstrução nessa disciplina.

A forma da teoria de Laplanche já se coloca como opositora da desconstrução: é uma teoria geral, sistemática, que busca os fundamentos comuns das mais diversas situações. Coloca como requisito metodológico a coerência interna e a articulação dos conceitos. Infelizmente, essa teoria é muito mal compreendida.

Com efeito, ainda que Laplanche tenha adquirido certa notoriedade na psicanálise como leitor de Freud e autor, com Jean-Bertrand Pontalis, do *Vocabulaire de la psychanalyse* (1967), sua teoria é desconhecida dos psicanalistas. Ou pior, muitas vezes, ela é apresentada de uma forma que ignora os debates que suscita com outras orientações. Embora Laplanche seja frequentemente citado, ele o é de uma forma que não leva em conta a orientação geral de sua teoria e do contexto geral do seu pensamento. Este último é, dependendo do caso, tanto do lado do lacanismo, como do lado das correntes intersubjetivistas. Além disso, quem o conhece melhor, também o critica. Eles o censuram por sua afirmação de cientificidade e sua rejeição da desconstrução.

Nos estudos literários e nas ciências sociais interessadas na psicanálise, a teoria de Laplanche é pouco conhecida com algumas exceções. No entanto, desperta um interesse crescente nos «Estudos da Performance» nos Estados Unidos: mais uma vez, Laplanche é frequentemente lido a partir de uma perspectiva neo foucaultiana que não faz jus à ligação de seu pensamento às tradições racionalista e humanista.

Direi, primeiro, algumas palavras sobre a desconstrução na psicanálise e sobre os principais traços que ela aí adota. Em seguida, destacarei alguns pontos, nos quais me baseio, para qualificar Laplanche como o autor da reconstrução.

1. Esta afirmação é baseada em minhas observações e experiência do mundo da psicanálise, direito e ciências sociais no Canadá e na Europa, ao invés de pesquisas bem documentadas. Certamente seria útil examinar esta questão mais de perto.

3. A desconstrução em psicanálise

Em psicanálise, a desconstrução foi introduzida em duas formas, que correspondem àquelas que ela assume em outras disciplinas das ciências sociais. Para resumir, vou nomeá-los “hard form” e “soft form”². A forma dura, próxima do pós-estruturalismo, é a do lacanismo e de seus derivados conceituais. Para resumir brevemente, encontramos aí a centralidade da linguagem, a glorificação do inconsciente em detrimento do eu e a busca de sentido, um pretensão irracionalismo que se manifesta na afirmação de mitos originários e conteúdos originários do inconsciente. , bem como por uma adesão à filogênese e linhagem do hereditário. Ela rejeita veementemente qualquer ideia de projeto e emancipação.

A forma «soft» é encontrada em correntes relacionais e intersubjetivistas, mais próximas do pragmatismo. Caracteriza-se por uma falta de interesse pela teoria, em particular pelas instâncias da metapsicologia. Não se preocupa com a especificidade da psicanálise, exceto em suas modalidades práticas, e se concentra na experiência clínica. Sua atenção se concentra nas interações, nos sentimentos, na experiência vivida e na natureza essencialmente subjetiva das interpretações que os indivíduos constroem. Combina-se voluntariamente com as ciências cognitivas e as neurociências para dar conta do desenvolvimento psicológico da pessoa e das possibilidades terapêuticas da psicanálise.

Essa descrição é muito esquemática: para aprofundá-la, seria preciso também examinar quais aspectos da obra de Freud abriram caminho para a desconstrução, particularmente em sua forma dura. Dentre eles, podemos citar a filogênese, o uso da hereditariedade na psicanálise e o “biologismo da pulsão” (Laplanche, 2006), que foram se impondo gradativamente no pensamento freudiano. Há também uma concepção do “simbólico” moldada por um uso mítico da anatomia e das estruturas familiares desde o início do século XX.

A forma branda de desconstrução tem por seu lado como precursora as correntes pós-freudianas que queriam se opor às inclinações normativas da psicanálise em matéria de sexualidade e estruturas familiares. Opunham-se também à pretensão da psicanálise de passar por universais mitos que dariam conta de conteúdos ditos originários do inconsciente. Podem-se citar, a esse respeito, o mito do *Édipo* e aquele do pai da horda primitiva, intimamente ligados à importância dada à castração como simbolismo originário pelas correntes lacanianas. Não vendo outra forma de conceber a formação do inconsciente, bem como a definição e o papel da sexualidade infantil na psicanálise, perderam o interesse por ela e se concentraram nas relações relacionais e intersubjetivas, deixando de lado o que fazia a especificidade da psicanálise.

Essas duas formas, no entanto, desenvolveram-se sob a influência das condições culturais pós-modernas e, gradualmente, integraram traços característicos da desconstrução.

2. Ver Tessier, Hélène (2017)

4. Laplanche e a reconstrução

Não vou me alongar sobre essas características. Tentarei destacar algumas delas, descrevendo o que me for possível, ao contrário de qualificar a teoria de Laplanche como uma teoria da reconstrução em psicanálise. Essas características principais são: 1) a afirmação do caráter científico da teoria na psicanálise, no caso, a metapsicologia; 2) uma definição original da sexualidade infantil, de seu modo de ação, bem como uma concepção histórica de sua formação e das instâncias psíquicas que lhe são correlatas; 3) o suposto racionalismo do pensamento de Laplanche e seu apego à tradição humanista.

Como já disse, Laplanche é o autor de uma teoria original em psicanálise, teoria que ele chamou de “*Teoria da sedução generalizada*”. Desenvolveu essa teoria entre 1967 e 1987. Depois a esclareceu, reelaborou e completou até seus últimos escritos, em 2006. Essa teoria tomou forma ao longo dos debates que Laplanche travou em grande parte com a obra de Freud, mas também com os de vários pós-freudianos. Esses debates foram objeto de seu ensino na Universidade de Paris VII, ensino que foi publicado sob o título geral “*Problématiques*”. As *Problématiques* compreendem 7 (sete) volumes: os volumes I a V serviram de base para sua teoria, finalmente exposta na forma de um sistema integrado em sua obra “*Novos fundamentos para a psicanálise*” (1987). Os números VI e VII retomam os cursos então ministrados entre 1989 e 1992. Vemos como a articulação dos diferentes elementos de seu pensamento na teoria da sedução permitiu a Laplanche grandes avanços, contestando e superando oposições que contribuíram para o sucesso de desconstrução em psicanálise, em particular a oposição corpo/alma e a oposição interno/externo, às quais retornarei, brevemente, mais adiante

5. Caráter científico da metapsicologia

Antes de falar sobre esse aspecto, direi algumas palavras sobre a importância que Laplanche dá ao método científico no trabalho teórico em psicanálise e como ele concebe esse método. Esse aspecto me parece o elemento mais importante do modo como Laplanche se opôs à desconstrução nessa disciplina. Em ambas as formas de desconstrução, o status científico da metapsicologia é mal visto (*mauvaise presse*). Para as correntes intersubjetivistas, a experiência vivida e o afeto sentido encapsulam a verdade do que acontece na sessão. Trata-se de uma verdade essencialmente subjetiva da qual a teoria não dá conta. No que diz respeito ao referencial teórico, essas correntes se apoiam, principalmente, em teorias psicológicas, como, por exemplo, a teoria do vínculo ou dos elementos emprestados das neurociências, sem examinar a ligação com as instâncias da metapsicologia. De fato, nessas escolas, os conceitos de ego e inconsciente foram amplamente abandonados para se concentrar no “*self*” que, aliás, não é definido em termos metapsicológicos. Na forma dura, o interesse pela metapsicologia concentra-se no inconsciente, aliás, definido em termos míticos, relacionado a uma sexualidade mais ou menos normativa. Ela rejeita o caráter científico, tanto da psicanálise quanto da teoria em psicanálise: a teoria deve seguir os movimentos e o modo de expressão do inconsciente que se imiscui, de forma alusiva, até mesmo poética, no

pensamento. Sua atuação tornaria irrisória, até mesmo falaciosa, qualquer tentativa de explicar sua ação de maneira científica. Tal projeto minaria os próprios fundamentos da descoberta psicanalítica, no caso um sujeito descentrado, sempre opaco a si mesmo, em quem as tentativas de recentramento e síntese constituem manobras defensivas, destinadas a manter uma ilusão de domínio. O conceito de verdade está, também, nele desacreditado, exceto na forma de uma espécie de “verdade do desejo”. Da mesma forma, a busca de sentido aparece ali como uma isca destinada a manter o mal-entendido.

Laplanche, ao contrário, afirmou e reivindicou o caráter científico da metapsicologia. Para ele, a psicanálise é uma ciência, na medida em que visa formular verdades sobre seu objeto (Laplanche, 1980). Isto vale, de outra forma, para a prática, que procura sustentar-se distante da teoria (Laplanche 1997)³.

A esse respeito, vale a pena determo-nos no termo “Problématiques”, que Laplanche escolheu como título das obras, nas quais apresenta suas pesquisas. Para Laplanche, a problemática corresponde a uma exigência metodológica. Essa exigência se situa como o oposto dos processos de desconstrução: a problemática exige identificar o que há de semelhante nas questões levantadas por problemas aparentemente diferentes. Obriga-nos a encontrar o fio que conecta essas questões, de modo que se torne possível identificar um fundamento comum a todas elas. O problemática não é uma descrição, nem uma enumeração: ele impõe um esforço crítico que faz emergir as contradições, tanto sincrônicas quanto diacrônicas, que se encontram no modo de tratar os temas clássicos da psicanálise, a fim de trazer à tona outra problemática mais refinada. a problemática, portanto, torna possível gerar algo novo. Deste ponto de vista, a abordagem da problemática é coerente com os objetivos do método científico. A ciência não se contenta em produzir os mesmos resultados, mesmo que sejam melhorados: ela visa a um conhecimento cada vez mais profundo.

5.1. O inconsciente sexual e o objeto da psicanálise: conceitos principais da teoria da sedução generalizada

O cuidado que Laplanche mostra para delimitar, claramente, o objeto da psicanálise revela-se, também, em seu esforço científico,. Seguindo Freud, Laplanche reafirma que o objeto da psicanálise é o inconsciente sexual, seus derivados e manifestações.

Laplanche baseia-se nas descobertas de Freud sobre o inconsciente, no sentido de que *o ego não é o senhor de casa* e de que o indivíduo humano se sente acionado por forças que lhe parecem estranhas. Essas forças escapam das categorias da necessidade e da motivação. Elas resistem à boa vontade e à educação. O inconsciente sexual, para Freud, deriva da sexualidade infantil. Essa sexualidade é perversa e polimorfa.

3. Exceto no que diz respeito à teoria da prática a que se refere às condições de possibilidades de uma prática psicanalítica e que justifica o dispositivo e os elementos do quadro analítico. A prática da psicanálise é baseada em um certo número de princípios que lhe são ditados pela natureza de seu objeto. Trata-se do método: associação livre, que tem como contrapartida a escuta flutuante, método associativo/dissociativo e “recusa” do analista por respeito ao seu próprio inconsciente.

A partir desse ponto, a teoria de Laplanche difere da de Freud e de outros pós-freudianos na concepção da formação do inconsciente, na definição de seu caráter sexual e da sexualidade em psicanálise. Para Laplanche, a sexualidade infantil invade o conjunto da vida do ser humano: seus pensamentos, seus relacionamentos, suas interações sociais, sua sexualidade adulta, sua relação com o corpo, suas reações fisiológicas, seus modos de aprendizagem, etc. Não está ligada nem à diferença entre os sexos nem à reprodução. Essa sexualidade é fantasmática e, portanto, autoerótica, antes de tudo masoquista e depois sadomasoquista. Encarna-se nas imagens, fragmentos de cenas, cenas mais ou menos organizadas que excitam e atacam o interior do eu. Esse ataque tem por efeito dissociar os afetos da cadeia associativa que lhe dá sentido, restando, ao final do processo, apenas uma carga quantitativa, um afeto cada vez mais desqualificado, que se manifesta sob a forma de angústia. É por isso que Laplanche define de forma *não especulativa* o objeto da psicanálise. Para ele, trata-se da *fantasia, em sua relação com a excitação* (Laplanche, 1997).

Para dar conta do nascimento da sexualidade infantil, Laplanche utiliza dois conceitos: a situação antropológica fundamental e a hipótese tradutiva do recalque. Devo dizer algumas palavras sobre eles porque constituem exemplos do método de Laplanche que consiste em depurar as situações factuais e buscar o que há de comum entre elas, em sua multiplicidade. A situação antropológica fundamental, na qual se formam as instâncias da tópica psicanalítica, no caso, o ego e o inconsciente, descreve a situação de um pequeno ser humano, ainda desprovido de inconsciente sexual, em relação a um adulto, ou a um filho mais velho, que o possui. Podemos perceber como essa descrição se distancia das concepções normativas e historicamente ancoradas da psicanálise clássica relativas aos papéis familiares e à naturalização do gênero que ainda se encontram, frequentemente, em conceitos dúbios como o “Feminino”, o “Maternal”, etc.

Vejam, agora, em que consiste a hipótese tradutiva do recalque. Na relação assimétrica estabelecida pela situação antropológica fundamental, o adulto, tanto por meio de seus comportamentos e gestos, quanto por meio de suas expressões, constantemente, envia mensagens verbais e não verbais à criança. Essas mensagens, por definição, estão comprometidas com o inconsciente sexual desse adulto, ou seja, com suas fantasias inconscientes, fantasias que ele mesmo desconhece, sendo essas fantasias, como acabamos de dizer, inconscientes. A criança tenta traduzir suas mensagens, mas a parte comprometida das mensagens as torna parcialmente intraduzíveis. A falha parcial da tradução provoca a repressão, pela qual o inconsciente sexual se constitui o inconsciente e o ego: a parte traduzida da mensagem forma o ego e os resíduos da tradução, o inconsciente sexual. Esses resíduos encontram-se desprovidos de sentido e significação, daí seu modo de ser que se manifesta na forma de ataque. Assim, Laplanche define o ego como um cenário de sentido, um cenário de narrativa, aos quais, os derivados do inconsciente sexual atacam. É por isso que Laplanche se refere ao inconsciente como *uma circulação de nonsense*. O ataque dos derivados do inconsciente sexual provoca uma excitação - de tipo masoquista - sempre aumentada. O inconsciente é sexual, por um lado, porque tem sua origem nas fantasias

sexuais⁴ inconscientes do adulto, por outro lado, pela sua forma fantástica e excitante, ou seja, auto-erótica. As forças de ligação e desvinculação se confrontam no conflito psíquico. Tanto uma como a outra dessas duas forças são sexuais: as forças vinculantes estão na base da sexualidade narcísica, que constitui uma segunda forma de sexualidade infantil. Lembremos que nem a sexualidade infantil, nem o inconsciente sexual são em si manifestações patológicas. Ambos podem se tornar assim, como escreve Laplanche. O extremo da ligação é, também, tão perigoso quanto o extremo da desvinculação: a desvinculação leva à paralisia pela angústia que transborda do ego e acaba atacando o próprio indivíduo; o extremo da conexão leva a uma postura defensiva, rigidez narcísica, que não deixa mais espaço para o movimento. Notemos, também, que tanto as forças de desvinculação, que são primárias, quanto as forças de ligação, que se opõem a elas, vêm da mesma energia (que corresponde, em Laplanche, à «libido de Freud»). Esta energia circula, conforme o caso, entre os elementos de uma cadeia associativa ou dissociativa.

Tentei resumir a teoria da sedução generalizada de Laplanche, apresentando seus dois conceitos principais: a situação antropológica fundamental e a hipótese tradutiva da repressão. A partir da descrição que acabei de fazer, insistirei na tradição epistemológica, da qual procede a teoria de Laplanche, neste caso um neo-racionalismo humanista, que permite situar Laplanche como um autor de reconstrução em psicanálise.

5.2. Perspectiva histórica, racionalismo e humanismo na psicanálise.

A teoria de Laplanche, tanto sobre a questão da formação das instâncias psíquicas, quanto sobre seu modo de ação, insere-se em uma dupla tradição -- racionalista e humanista (Tessier 2014). Já sublinhei a reivindicação de cientificidade que orienta a pesquisa teórica de Laplanche e que faz parte dessa tradição. Examinarei agora a importância que ele atribui à explicação da formação das instâncias psíquicas a partir de uma perspectiva histórica, concreta e não metafísica.

A hipótese tradutória da repressão de Laplanche descreve a formação do inconsciente sexual e, por corolário, a do ego, como um processo histórico e essencialmente humano. Na teoria de Laplanche, nem o ego, nem o inconsciente sexual são constituídos desde o nascimento. Não são nem míticos, nem biológicos, embora neste último ponto, eles suponham, como condição necessária, a existência prévia de um organismo vivo e excitável. A esse respeito, devemos destacar o cuidado que Laplanche tem em definir, claramente, o campo epistemológico da psicanálise. Este é delimitado pela fronteira entre a sexualidade infantil e a autopreservação, em outras palavras, pela linha que separa, de um lado, necessidade e instinto, que se relacionam em particular com a psicologia, da fantasia, na medida em que é constitutiva da sexualidade infantil que invade desde muito cedo todas as atividades humanas, inclusive as que dizem respeito à necessidade.

4. Trata-se da sexualidade infantil do adulto, ou seja, dessa sexualidade que acabamos de definir, no caso, uma sexualidade que tem sua origem na fantasia, é perversa, polimórfica, ou seja, auto-erótica e sadomasoquista (em sentido amplo).

Assim, longe de terem sua origem em uma fonte «natural», mítica ou metafísica, o ego e o inconsciente sexual se constituem de uma situação essencialmente inter-humana, no caso, a presença junto a uma criança que ainda não tem inconsciente sexual de outro ser humano que já é dotado de um inconsciente sexual. Este último emite mensagens ditas enigmáticas, porque eles próprios estão comprometidos com a sexualidade infantil desse adulto. Três observações se impõem aqui sobre a dimensão racionalista do pensamento de Laplanche: 1) o processo de formação das instâncias psíquicas é histórico. Implica um tempo em que a criança está desprovida do inconsciente sexual. 2) A sexualidade infantil não se baseia em um processo autoconservador, que de alguma forma se transforma em elemento sexual, mas se constitui a partir da sexualidade infantil do outro. 3) A psicanálise também implica uma posição antropológica. A formação do inconsciente sexual constitui, segundo Laplanche, uma condição de “futuro-humano”. Trata-se de um processo de sexualização, não de sexuação (diferenças entre os sexos): esse processo só se concretiza como objeto de psicanálise a partir da repressão individual.

Vejam os alguns dos elementos já descritos de um ângulo diferente. Em relação à outra pessoa, aquela que emite mensagens, insistamos no fato de que não se trata do grande Outro abstrato, ou metafísico, de Lacan, mas de outro adulto ou criança, mais velho, histórico e concreto.

Essas mensagens fazem o objeto de tentativas de tradução, cujos resíduos formam o conteúdo do inconsciente sexual. Nessa perspectiva, os conteúdos do inconsciente sexual são, portanto, individuais, enraizados na história singular de cada um.

A mesma observação se aplica ao eu. No entanto, embora os conteúdos tanto do inconsciente sexual quanto do ego sejam individuais, é preciso lembrar que o *arsenal* de tradução e conexão é oferecido à criança pelo mundo que a cerca, familiar, social e cultural (Laplanche 1999). Laplanche, no entanto, rejeita a hipótese de conteúdos originários do inconsciente, como a psicanálise tradicional os descreveu, dando a seus grandes mitos como o Édipo ou a castração um status primário.

As mensagens recebidas pela criança são excitantes, em especial pelo seu endereço que «faz signo» (significa). São enigmáticas⁵ e pedem uma tradução que sempre deixa rastros. Esses resíduos, excluídos do registro do sentido e da comunicação, dão-se a conhecer na modalidade do ataque. Eles atacam o sentido, mais precisamente aquele que se estabelece pela ligação entre o afeto, como energia excitante, e um conteúdo representativo. Esse sentido, na forma da autoteorização estabilizadora incorporada pelo ego está fadado a se defender contra esses ataques que ameaçam dominá-lo. O transbordamento se dá sob a forma de angústia, uma forma desqualificada de afeto. Eles põem em questão dois princípios, o princípio da vinculação, ou seja, a vinculação entre o afeto e a representação, e as forças desvinculantes que atuam em direções opostas ao longo de cadeias associativas e que correspondem, como já dissemos, à circulação do sentido ou, pelo contrário, à circulação do não sentido. Deste ponto de vista, a

5. São enigmáticos porque comprometidos pela sexualidade infantil do adulto. Como dissemos, o inconsciente sexual delimita o campo epistemológico da psicanálise. Na hipótese psicanalítica, o adulto ou a criança mais velha, já possui um inconsciente sexual.

noção de energia é central para Laplanche. No contexto da hipótese tradutiva da repressão, não existe reminiscência da energética do signo (Rastier 2021), ou da energia de criação das formas simbólicas de Cassirer. A energia de desvinculação não representa, totalmente um valor negativo: pelo contrário, constitui o motor da transformação. A ação terapêutica da psicanálise, aliás, baseia-se nessa energia para criar as condições de possibilidade de uma destruição. Esta etapa é anterior à formação de uma retradução mais rica e menos defensiva.

Assim, as forças em jogo no conflito psíquico não têm, segundo Laplanche, nada de sobre-humano, assim como não são «naturais». Eles não têm sua origem nas profundezas da vida, mas na situação de um ser humano dotado de um corpo excitável, imediatamente imerso em um mundo semiótico que o precede e cercado por adultos — e crianças mais velhas — de quem depende e que lhe enviam mensagens no contexto de múltiplas interações. Já mencionei esses elementos na seção anterior, mas me parece importante retomá-los sob o ângulo da perspectiva humanista e racionalista que fundamentam a concepção teórica de Laplanche. Graças às categorias de mensagem e tradução, a teoria de Laplanche dá um lugar decisivo ao sentido e à interpretação. Ela descreve o humano como uma hermenêutica sempre em busca de sentido, ou seja, de uma auto-historicização e uma auto-teorização de si.

5.3. Mensagens e realidade psíquica: o primado do outro

Laplanche introduziu a categoria da mensagem na psicanálise. A categoria da mensagem corresponde para ele àquela da realidade psíquica, objeto específico da psicanálise. Esta se distingue da realidade psicológica (subjativa) e da realidade material. A mensagem implica, necessariamente, o outro. A noção de mensagem permite à psicanálise, por um lado, sair do solipsismo, que a reduz a uma forma de filosofia do sujeito, e, por outro lado, superar as dicotomias irracionais que favoreceram as correntes precursoras da desconstrução em psicanálise: a dicotomia alma/corpo, a dicotomia externo/interno e a dicotomia sujeito/objeto.

Para Laplanche, a dimensão constituinte da mensagem é a do endereço. De fato, pelo endereço, a mensagem pressupõe o outro. Implica uma materialidade, irreduzível à subjetividade individual: a mensagem *faz signo*, isto é, ela significa. Na hipótese tradutiva do recalque, a mensagem vem primeiro do outro que é externo, mas para efeito do endereçamento, ela se *implanta* na derme psicofisiológica da criança” (Laplanche 1997). Torna-se então uma fonte de excitação interna. O outro externo (*Der Andere*) torna-se uma alteridade interna (*Das Andere*) (Laplanche 1997). Nesse sentido, a categoria da mensagem em Laplanche se distancia das teorias da comunicação: a mensagem como fato externo só atua uma vez, mediada pela fonte interna que se torna, quando a falha do recalque se transforma, em fonte interna de excitação.

É por isso que Laplanche se opôs ao uso da hermenêutica heideggiana em psicanálise. O que a criança tem que traduzir não são situações e sim mensagens (1999). Além disso, o hermeneuta não é um indivíduo solipsista, fechado em si mesmo, mas a criança que, numa relação assimétrica, interpreta uma mensagem a ela endereçada, cuja materialidade vem do outro (na

situação analítica, ela é o analisando, não é mais a criança). Ele leva, assim, a uma posição clínica muito diferente das outras orientações da psicanálise sobre a questão da interpretação: no quadro da hipótese tradutiva do recalque, o único hermeneuta é a criança. Por isso, ele insiste no fato de que, na sessão, o hermeneuta é o analisando e não o analista. O dispositivo analítico, portanto, cria condições propícias para reabrir o processo tradutório, ao invés de propor interpretações.

A mensagem também não se inscreve numa oposição alma/corpo. Uma mensagem comporta, ao mesmo tempo, uma dimensão expressiva — ou sensível — e uma dimensão “espiritual”: tanto uma dimensão material quanto uma dimensão ideal. Assim, o afeto, dito de outra forma, aquilo que afeta a si mesmo, tem um lado quantitativo e um lado qualitativo. Sob o efeito do ataque pelos derivados do inconsciente, o afeto, como vimos, desqualifica-se e tende a reduzir-se à sua carga quantitativa. Para Laplanche, como já dissemos, o campo epistemológico da psicanálise não é delimitado pela oposição entre o corpo e alma: sua fronteira, ao contrário, passa pela linha que separa a sexualidade da autopreservação, ambas envolvendo tanto a alma quanto o corpo.

O humanismo da teoria do pensamento de Laplanche implica a exigência de dar conta da transformação e, mais particularmente, das possibilidades de transformação oferecidas pelo processo analítico. A transformação deve ser explicada por razões humanas: a concepção histórica da formação de instâncias psíquicas permite alcançar esse resultado. O que é construído pelo humano, também, pode ser alterado por humanos. Não se trata de uma teoria simplista: várias condições são necessárias para reabrir o processo tradutório e dar lugar a traduções mais inclusivas e mais livres. A teoria da prática de Laplanche é muito completa a esse respeito.

Inclui também uma concepção de temporalidade que se opõe diretamente às formulações heideggerianas. Não se trata de reescrever o passado à luz do projeto futuro de um ser *levado para frente*, mas de uma temporalidade que circula entre mensagem e tradução: uma temporalidade intrapessoal, não solipsista, dialética, mas que tem sua fonte no outro.

6. Conclusão

Eu quis apresentar alguns pontos sobre o pensamento de Laplanche para destacar alguns princípios da reconstrução em psicanálise. Não se trata de um exercício abstrato. A teoria de Laplanche faz ponte com as demais ciências da cultura, ao abrir-se sobre o campo social, de forma científica, integrando a dimensão autoerótica e masoquista do humano, que invade todas as suas atividades. Ao pensar um ser humano, sem ocultar sua dimensão conformista, ela o atrai para o poder e a dominação, mais desejosa de responder a alguém do que de responder pelos seus actos. A teoria da sedução generalizada de Laplanche também descreve um ser humano capaz de transformar: ela se abre para um pensamento de emancipação.

7. Referências

Laplanche, J et Pontalis, JB. Vocabulaire de l'analyse Paris : PUF, 1967

Laplanche, J. Problématiques I, Paris : P.U.F ». coll Quadrige, 1980

Laplanche, J. Le primat de l'autre en psychanalyse, Paris : Flammarion, coll Champs, 1997

Laplanche, J. Entre séduction et inspiration : l'homme. Paris : P.U.F. 1999

François Rastier, in Tessier, Hélène, dir. Psychanalyse et théorie du sens. Un dialogue entre la pensée de Jean Laplanche et la sémiotique, Paris : P.U.F. 2021

Tessier, Hélène: Rationalisme et émancipation en psychanalyse : l'oeuvre de Jean Laplanche. Paris: PUF coll Souffrance et Théorie, 2014

Tessier, Hélène Des alliances inattendues au service de l'idéologie managériale: les conditions culturelles postmodernes: Réflexions à la lecture de *Apprendre pour transmettre* de François Rastier. *Travailler* 2017/2 (n°38), pages 161 à 181